

JARDIM DE FLORES: UMA EXPERIÊNCIA COM GRUPOS DE FAMÍLIAS NO CONTEXTO DA SOCIOEDUCAÇÃO

FLOWERS IN THE GARDEN: A FAMILY GROUP INTERVENTION ON A SOCIAL EDUCATIONAL CONTEXT

RESUMO: Este artigo visa apresentar e refletir sobre uma intervenção realizada com grupos multifamiliares no contexto da execução de medidas socioeducativas em meio aberto do CREAS–Cariacica (ES) utilizando conceitos e metodologias da Terapia Narrativa e das Práticas Narrativas Coletivas. Foram 11 encontros mensais, que contaram com a participação voluntária de adolescentes que cumpriam as medidas socioeducativas e seus familiares. Durante esse período o grupo tornou-se um espaço de apoio mútuo, de externalização dos problemas, de ampliação de narrativas pessoais, de musicalidade, de reautoria, de fortalecimento de vínculos familiares, de superação e de regraduação. Os resultados alcançados demonstram que a Terapia Narrativa e suas formas de aplicação contribuem no trabalho em grupos neste contexto.

PALAVRAS-CHAVE: medidas socioeducativas, terapia narrativa, práticas narrativas coletivas.

ABSTRACT: This article aims to present and reflect on a multifamily group intervention held on the context of correctional measures without freedom restraint at CREAS–Cariacica (ES). Narrative Therapy and Collective Narrative Practices theory and methodologies were used during an 11-days' program, held monthly with a group of voluntary adolescents involved in correctional social educational measures and their parents. During this time the group became a safe place for supporting each other, externalizing the problems, enlargement of narratives, musicality, reauthoring conversations, strengthening family bonds, overcoming difficulties, and "regraduation". The results showed that Narrative Therapy and its applications can contribute with families in this context.

KEYWORDS: social educational measures, narrative therapy, collective narrative practices.

BIANCA BATALHA DE ALMEIDA

Psicóloga da Casa Monte Belo de Semiliberdade – Serra/ES, atuou no CREAS-Cariacica (ES), terapeuta de família pelo CRESCENT-FDV.

ADRIANA MÜLLER

Psicóloga, terapeuta de família, mestre em psicologia do desenvolvimento e docente do CRESCENT-ES.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta e discute uma experiência de grupos de famílias acompanhadas no Serviço de Medida Socioeducativa do CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social) do município de Cariacica/ES. O CREAS é uma unidade pública que oferece serviços especializados e continuados para famílias e indivíduos que sofreram violação de direitos, compondo assim o Sistema de Garantia de Direitos caracterizado na Resolução 113/2006 do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA). Os atendimentos são feitos por uma equipe multidisciplinar composta por psicólogos, assistentes sociais, pedagogos, assessores jurídicos e educadores sociais. As famílias acompanhadas pelo serviço de medida socioeducativa do CREAS–Cariacica são encaminhadas pela Vara da Infância e Juventude deste município por ter um membro adolescente sentenciado ao cumprimento de Liberdade Assistida e/ou Prestação

Recebido em: 15/05/2014
Aprovado em: 27/06/2014

de Serviço à Comunidade, devido ao cometimento de ato infracional, conforme estabelecido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

O ECA (Brasil, 2002) foi promulgado em 1990 e busca a proteção integral, promovendo garantias processuais e a defesa do adolescente, considerado tanto como sujeito de direitos e deveres quanto como pessoa em uma fase específica de desenvolvimento. Por isso, quando um adolescente pratica um ato contra a ordem social e esse configura-se como crime ou contravenção penal, ele é responsabilizado por uma legislação específica – o ECA – que, no artigo 112 prevê a adoção de medidas socioeducativas pela autoridade competente. Apesar de tais medidas socioeducativas terem um caráter compulsório e sancionatório, elas não podem ser consideradas como penas ou castigos, mas sim como uma ação do Estado que objetiva promover a ressocialização do adolescente mediante a adoção de procedimentos pedagógicos. Tais ações buscam colaborar para o desenvolvimento do potencial do adolescente, contribuir para o aumento da competência individual, promover a autonomia e auxiliar na elaboração de projetos de vida que estejam desvinculados da prática dos atos infracionais e visem à inclusão social plena (Aquino, 2012; Araújo, 2012).

É importante ressaltar o papel da família dentro de todo esse processo. De acordo com a visão teórica aqui apresentada, a família é uma organização dinâmica, composta de elementos interdependentes que possuem vínculos afetivo-sociais entre si e que constroem sua realidade por meio da linguagem. Sendo os sistemas humanos geradores de linguagem e significado, podemos considerar que tanto os problemas quanto as suas soluções advêm

das mesmas relações. Portanto, abrir um espaço de participação dos parentes tem como objetivo conhecer quais significados são gerados dentro da dinâmica familiar e propiciar ao adolescente um novo contexto no qual ele possa construir outras estratégias para o enfrentamento das adversidades. Assim, os grupos familiares são vantajosos pelo fato de abrirem a oportunidade de os membros da família falarem entre si, o que cria uma noção de apoio e reforço para uma série de iniciativas e decisões que são necessárias ao prosseguimento das ações que envolvem a família composta pelo adolescente em conflito com a lei (Costa, 2010; Dias, Arpini, & Simon, 2011). Além disso, Denborough (2008) ressalta que a promoção de um espaço de discurso coletivo, a apreciação da diversidade e a particularidade da experiência individual, como intenções, desejos, esperanças e metas de vida, tendem a capacitar as pessoas a encontrarem alívio aos efeitos das dificuldades em suas vidas e a modificar as condições sociais que contribuíram para o problema enfrentado.

Baseamos o desenvolvimento do grupo de famílias aqui apresentado nas premissas da Terapia Narrativa, criada por Michael White e David Epston. Esta se inscreve no marco do pós-modernismo, que questiona o conhecimento do especialista como sendo algo objetivo, superior, universal e verdadeiro, reconhecendo que o conhecimento é sempre local, construído na linguagem e nas relações. A pessoa é vista como autora de sua própria história e existência, competente para a ação, para o agenciamento de escolhas a partir de um posicionamento autorreflexivo, moral e ético, podendo criar e expandir suas possibilidades existenciais. Dessa forma o encontro terapêutico é uma troca entre iguais e

a pessoa é considerada a especialista em sua própria vida. O papel do terapeuta é estar atento à “dupla narrativa”: ouvir tanto o que é dito sobre os efeitos dos problemas na vida das pessoas quanto às histórias de enfrentamento e superação desses problemas, o que envolve relatos de valores, competências, dignidade e conhecimentos diversos. Além disso, a Terapia Narrativa considera que a realidade é uma construção social e o diálogo é um cruzamento de perspectivas, uma prática social transformadora para todos os envolvidos. As práticas de conversação e os processos de questionamento são vistos como recurso para gerar reflexão e mudança, além de expandir possibilidades, o que pode exercer um efeito libertador para as pessoas (Grandesso, 2008; Denborough, 2008; Müller, 2012).

Uma das formas de condução da Terapia Narrativa são as Conversas de Externalização que possibilitam à pessoa perceber que ela e o problema não são a mesma coisa. É comum que as versões das histórias de vida das pessoas que enfrentam dificuldades sejam saturadas de problemas e que a influência desses problemas seja tão intensa a ponto de gerar um efeito negativo sobre suas identidades. Isso ocorre porque o problema mantém as pessoas constantemente afastadas daquilo que as fortalece: seus valores, suas crenças, suas competências, sua noção de autoria da própria vida. Cabe ao terapeuta narrativo criar um contexto que separe a pessoa do problema, dando ênfase à capacidade de superação da própria pessoa. Isso acontece em um processo pelo qual a pessoa dá nome ao problema, analisa as formas pelas quais ele interfere na sua vida e define se aceita ou não essas interferências. Quando as pessoas se percebem separadas do problema, elas começam a

desconstruir algumas conclusões negativas a que chegaram sobre sua identidade, passam a acessar opções mais efetivas de resolução das dificuldades e conseguem construir versões preferidas sobre si mesmas e sobre sua vida (Epston, 1998; White, 2007; Madigan, 2011; Müller, 2013).

Outra forma pela qual o terapeuta narrativo auxilia as pessoas na construção de versões preferidas de suas histórias é a Conversa de Reautoria. O terapeuta narrativo sai do pressuposto de que o problema não ocupa integralmente a vida de uma pessoa, por isso, convida as pessoas a contar sobre suas vidas incluindo eventos e experiências que, apesar de serem fatos importantes e significativos, foram deixados de lado na versão saturada de problemas da história dominante. São os momentos extraordinários e únicos que trazem vida à história da pessoa, que resgatam aspectos fundamentais da sua identidade, evidenciam aquilo que ela valoriza e ampliam as versões possíveis da mesma história – versões alternativas cada vez mais significativas que proporcionam à pessoa uma base para elaborar novas formas de lidar com os problemas (White, 2007; Madigan, 2011; Müller, 2013).

Ao longo do processo de reautoria, muitas lembranças preciosas são resgatadas, incluindo vivências com pessoas significativas – todas aquelas que de alguma forma contribuíram para a construção da identidade e da história da pessoa. O terapeuta narrativo, baseado no que Michael White denominou de “re-member” um trocadilho que invoca tanto a ideia de lembrar (remember) quanto de voltar a ser membro (re-member), está sempre atento a essas figuras importantes que serviram de exemplo, ensinaram coisas, participaram de eventos relevantes e deram demonstrações claras de afeto

e proteção. Algumas vezes essas pessoas significativas já faleceram, mas isso não diminui o efeito da sua presença na vida da pessoa. Aliás, esse processo de relembrar costuma funcionar como uma forma de “dizer olá novamente” (White, 1988): trazer de volta a lembrança de pessoas queridas e encontrar formas de homenageá-las.

Além da presença do terapeuta, Michael White considerava interessante que algumas pessoas fossem convidadas em determinados momentos do processo terapêutico. São as chamadas testemunhas externas (White, 2007; Madigan, 2011; Müller, 2013). Essas pessoas têm a função de ouvir o relato da história e, posteriormente, mencionar como aquela narrativa lhes tocou e teve ressonância com sua própria história de vida. As testemunhas externas não têm a finalidade de apresentar conceitos morais, nem dar sermões ou conselhos, mas de conversar sobre a história que foi narrada mencionando imagens, memórias, sentimentos de sua própria vida que foram acessados e reflexões que surgiram em decorrência do relato da pessoa. Quando uma pessoa percebe que a sua história de vida tem um efeito potencializador na vida de outras pessoas, ela fortalece a versão preferida de sua identidade e de sua história. Nisso reside a beleza da presença da testemunha externa: na força que ela confere à pessoa e sua história alternativa.

Esse processo de compartilhar experiências é extremamente significativo e, uma das formas de ser colocado em prática é por meio das documentações coletivas: cartas terapêuticas, vídeos, certificados, músicas, entre outros (Epston, 1989; Denborough, 2008; Madigan, 2011; Müller, 2012, 2013). A função desses documentos é registrar o processo de construção de uma nova versão da história, baseada

em competências, valores e memórias preciosas. Quando aplicadas em grupos, esses documentos são elaborados utilizando uma voz coletiva, tendo como meta poder contribuir com a vida de outras pessoas que passam por situações semelhantes. Ajudar um grupo a elaborar um documento coletivo significa possibilitar que eles falem, não simplesmente para nós, mas, sim, que eles falem com outras pessoas por meio de nós (Denborough, 2008).

Além disso, outra forma de consolidar a história preferida é por meio das cerimônias de definição. Elas funcionam como um ritual no qual a nova versão da história de vida e da identidade da pessoa é reconhecida por todos os presentes, funcionando como um estímulo para que a pessoa deixe de ter conclusões “estreitas” sobre sua identidade e passe a ter uma rica descrição de si mesma. De certa forma, as cerimônias de definição “regraduam” a vida das pessoas: elas saem do patamar de vítimas e se colocam no de autoras da própria história (White, 2007; Madigan, 2011).

As Práticas Narrativas Coletivas envolvem formas de aplicação da Terapia Narrativa em contextos coletivos mais amplos, visando ajudar indivíduos, grupos e comunidades que enfrentam dificuldades a criarem estratégias de enfrentamento mais eficazes porque baseadas em conhecimentos locais. Para isso, nos encontros as pessoas são convidadas a valorizar formas coletivas de discurso, considerando que cada pessoa não é o problema, mas um porta-voz de um problema social. Isso permite que a pessoa se junte a tentativas coletivas e locais de lidar com os problemas sociais (Denborough, 2008).

Várias são as metodologias das Práticas Narrativas Coletivas, cada uma baseada em um tipo de metáfora que

estimula ricas descrições das histórias preferidas (Denborough, 2008; Müller, 2012,2013). A que foi aplicada no grupo multifamiliar aqui apresentado foi a *Árvore da Vida*, desenvolvida por Ncazelo Ncube (2006) com a ajuda de David Denborough. Nela, as pessoas são convidadas a desenhar uma árvore e escrever, em cada parte da árvore, aspectos específicos de sua história de vida: memórias preciosas, valores, qualidades, habilidades, sonhos, pessoas significativas, entre outros. Em seguida, as pessoas apresentam suas produções individuais e, ao juntarem todas as árvores, formam uma floresta. A partir desse momento, o grupo pode visualizar a conexão entre as histórias individuais e coletivas – e buscar a “unidade na diversidade” (Freire, 2008). Passam a considerar os problemas que podem desafiar o equilíbrio da floresta e a forma pela qual cada animal que lá habita enfrenta tal desafio. Aos poucos a metáfora vai se aproximando da realidade da vida e eles podem refletir sobre as formas pelas quais eles próprios enfrentam as dificuldades, relacionando todas as habilidades e forças presentes nas “árvores” com as histórias de superação que eles narram.

Além das metodologias, outras formas de aplicação das Práticas Narrativas Coletivas envolvem a cultura popular, como é o caso da confraternização, da música e do teatro. As confraternizações são muito comuns no Brasil, em especial os lanches coletivos no final de encontros, as comemorações de aniversários de membros do grupo e o “amigo X” nos encerramentos das atividades. Elas fazem parte de um contexto cultural de descontração, engajamento e solidariedade.

As músicas também fazem parte da cultura popular e podem ser utilizadas como mensagens de força e

enfrentamento, de esperança e sustento, de transformação e resgate. Algumas músicas fazem parte da trilha sonora da vida das pessoas e, em alguns casos, da própria comunidade, marcando uma época ou uma situação específica. Denborough (2008) ressalta a importância do uso da música no trabalho de enfrentamento de situações difíceis e Müller (2013) destaca que a música é uma linguagem que pode ser entendida em diferentes culturas e, por isso, conecta as pessoas. O uso da música pode acontecer tanto por meio da criação de uma música própria pelo grupo, quanto pelo cantar coletivo de uma música que é de conhecimento de todos.

O teatro é outra forma de expressão cultural que pode ser utilizada nos encontros de grupos como forma de construir e reforçar as histórias preferidas individuais e coletivas. O grupo define um tema e, a partir desse tema, uma conversa de externalização coletiva é elaborada sob o formato de uma peça teatral. Tanto a elaboração do texto quanto a encenação é realizada pelos participantes, considerados, como já foi mencionado anteriormente, como especialistas em suas próprias histórias.

Todas essas formas de integração do grupo têm como objetivo homenagear os participantes e fortalecer as histórias preferidas que eles estão construindo para si e para a comunidade onde vivem. São exemplos de como as Práticas Narrativas Coletivas podem ampliar, enriquecer e conectar as histórias de vidas das pessoas de forma significativa.

CONVITE À PARTICIPAÇÃO

Após ser sentenciado a cumprir a medida socioeducativa em meio aberto pela Justiça da Infância e Juventude, os

adolescentes junto com seus responsáveis legais são encaminhados ao CREAS–Cariacica para que a equipe psicossocial realize o acompanhamento da execução desta. O atendimento inicial é o momento para explicar à família sobre as condicionalidades da medida socioeducativa imputada e, também, para eles assinarem os termos de responsabilidade. No termo específico do familiar há a condição de que ele participe das atividades ofertadas pelo serviço, quando convocado. Porém, até então, não existia nenhuma atividade concreta sistemática voltada ao trabalho com as famílias no contexto da socioeducação em meio aberto no CREAS–Cariacica.

Isso mudou quando a psicóloga do programa, umas das autoras desse artigo, percebeu a importância de incluir as famílias nos projetos educativos e abriu um espaço para trabalhar com grupos multifamiliares. A partir desse momento, quando a família chegava ao atendimento inicial, os responsáveis eram convidados a participar dos grupos, podendo optar pela data e horário que melhor se adequassem à sua rotina. Caso a família demonstrasse interesse, próximo ao dia agendado, a equipe técnica realizava contato telefônico com vistas a relembrá-la e confirmar a presença.

Os quatro primeiros grupos iniciaram no mês de agosto de 2012 no período noturno e, no mês de fevereiro de 2013, um grupo no sábado. Todos os grupos tiveram frequência mensal e neles participaram os pais e/ou responsáveis, os socioeducandos e outros membros das famílias, em um total de 40 pessoas, das quais 18 participaram de forma assídua.

PREPARANDO O TERRENO

Nos primeiros encontros, era perceptível a postura tensa e receosa dos

familiares. Ao comentarem sobre suas expectativas referentes à participação no grupo, os membros expuseram que esperavam que o grupo fosse de cunho de orientação sobre as atitudes adequadas que deveriam exercer diante dos problemas vivenciados, em especial no que tange os filhos. Tal atitude pode ser entendida como reflexo de uma cultura que valoriza mais o saber do especialista do que o conhecimento local e as narrativas individuais. Assim sendo, o trabalho com os grupos teve como meta valorizar as histórias individuais e considerar as pessoas como especialistas em suas vidas.

Durante o primeiro encontro dos grupos cada participante fez uma apresentação breve de si e de suas histórias, sendo que, em geral, as histórias eram saturadas de problemas. Após este momento inicial, eles passaram a se apresentar de uma forma bem específica: cada um mencionava uma habilidade, competência ou valor que começasse com a primeira letra de seu nome. O objetivo dessa dinâmica era promover o resgate dos recursos internos e potencializá-los. Como a reação inicial dos participantes a essa proposta foi de dizerem que era difícil e eles não conseguiam realizá-la, foi preciso que a psicóloga que orientava o grupo iniciasse o processo, o que diminuiu a tensão e contribuiu para que ela se inserisse como uma participante do grupo – postura essa totalmente coerente com a proposta da Terapia Narrativa que percebe o terapeuta como facilitador de um processo e os participantes como especialistas. Após esse momento de apresentação e integração, os membros em conjunto deram nome ao grupo. Assim, surgiram os grupos “Esperança”, “Arte e Vida”, “Paz e Amor”, “Amizade” e “Libertação”.

Uma sugestão que obteve adesão em todos os grupos formados e colaborou

para a promoção de descontração e fortalecimento de vínculos foi o lanche coletivo realizado ao final dos encontros. Para esse lanche, cada pessoa trazia algo, de acordo com sua possibilidade.

Todos os grupos desenvolvidos foram exitosos em promover um espaço de reflexão seguro no qual cada pessoa pode fortalecer a sua identidade e ter mais autonomia em sua vida, além de resgatar competências pessoais e coletivas. A seguir será apresentado o desenvolvimento do Grupo Amizade, tanto por ter sido o de maior duração quanto por ter vivências mais intensas.

SEMEANDO E VENDO FLORESCER

O Grupo Amizade teve início no dia 27 de agosto de 2012 e finalizou no dia 10 de junho de 2013, totalizando 11 encontros. Começou com quatro participantes, sendo três do sexo feminino e um do sexo masculino. Para preservar o sigilo das informações, os nomes dos participantes são fictícios, considerando que os nomes dos familiares iniciam com a letra “F” e dos adolescentes, com a letra “A”. Assim sendo, os primeiros participantes do grupo foram: Fábio, Flora, Fátima e Fabíola.

Logo no primeiro encontro os participantes começaram a falar sobre os problemas diretamente relacionados aos filhos e o resultado disso em suas vidas: os familiares relataram sua desmotivação após tantas tentativas frustradas de lidar com as dificuldades e se mostraram bastante enfraquecidos e sem esperança diante da aparente ausência de recursos pessoais e coletivos. Era nítida a falta de planos para o futuro e o pouco investimento em relação a si mesmos. Isso demonstra o quanto o problema estava presente na vida das pessoas, impedindo que elas tivessem

a possibilidade de serem autoras de suas histórias.

Diante desse cenário, teve início a Conversa de Externalização na tentativa de que os participantes pudessem ver os problemas sob outra perspectiva. Assim sendo, nos dois primeiros encontros criou-se um contexto que favoreceu aos participantes nomear seus problemas, o que facilita sua externalização, e agir no intuito de serem eles – e não os problemas – os autores de versões preferidas de sua história de vida.

No terceiro encontro as pessoas que participavam do encontro refletiram sobre o que tinham aprendido até então e escolheram uma música que representasse esse aprendizado coletivo: a música “O que é, o que é” do compositor Gonzaguinha. O refrão foi entoado em uníssono: “Viver e não ter a vergonha de ser feliz, cantar a beleza de ser um eterno aprendiz, eu sei que a vida devia ser bem melhor e será, mas isso não impede que eu repita, é bonita, é bonita e é bonita”.

No quarto encontro, com o consentimento de todos os membros, um novo participante passou a frequentar o grupo: Filomena, filha de Fabíola, que se interessou pelo grupo ao ouvir os relatos de sua mãe. Sempre assídua, veio a todos os encontros e trazia sua máquina fotográfica para registrar os momentos que ela considerava mais importantes. A vinda da Filomena deu início às conversas de reautoria, pois, como ela solicitou participar do grupo devido aos comentários que ouvia de sua mãe, sua presença, inicialmente, foi no sentido de uma testemunha externa que chegou ao grupo evidenciando o reflexo daqueles encontros do grupo nas outras pessoas que estavam fora do processo. Com isso, Filomena foi a primeira a dar voz à história preferida que o grupo estava construindo.

No quinto encontro, a conversa de re-autoria continuou. Ficou cada vez mais claro para o grupo como o processo de integração entre eles estava fortalecido, como eles estavam acesando suas habilidades e competências e conseguindo lidar com os problemas em suas vidas. Diante desse progresso, e considerando que os filhos adolescentes estavam cumprindo a medida socioeducativa com regularidade, abriu-se a possibilidade de que os filhos viessem participar do grupo junto com seus familiares.

Desta forma, no sexto encontro, outras testemunhas externas passaram a fazer parte do grupo: os filhos adolescentes – Alan (filho de Fabíola e irmão de Filomena), Aguinaldo (filho de Fátima) e André (filho de Flora). Tal iniciativa da facilitadora tinha como meta trabalhar o fortalecimento dos vínculos familiares e contribuir para a ampliação das histórias preferidas. Cabe registrar que o filho do Fábio não pode comparecer ao grupo, pois estava internado em uma clínica de reabilitação.

O sétimo e oitavo encontros foi o momento de aplicar a metodologia “Árvore da Vida”, tanto por ser uma atividade lúdica que possibilita a integração entre os membros jovens e adultos, quanto por permitir a continuação do processo de fortalecimento da narrativa das pessoas, já que possibilita combinar os relatos das experiências passadas, das vivências do presente e dos objetivos e sonhos para o futuro. Todos puderam reconhecer suas competências, lembrar pessoas significativas e planejar projetos de vida.

Durante o nono encontro, os participantes relataram o que mudou em sua vida ao longo dos encontros. Foi o último encontro em que o Fábio participou e, nele, relatou sua alegria por ter viajado com um colega até a

praia e tomado muito banho de mar. Além disso, acrescentou que visitou o filho na Clínica e que o encontro foi satisfatório. A ressonância do grupo foi intensa: todos destacaram em suas narrativas o fato do Fábio ter feito algo diferente durante o intervalo entre os encontros e o quanto isso os deixou surpresos e alegres.

Ainda neste encontro os participantes foram divididos em dois subgrupos para elaborar, cada um, uma peça de teatro: um subgrupo representaria uma família que vive envolvida pelos problemas e outro, uma família que conseguiu separar-se dos problemas e superá-los. Todos participaram ativamente desse teatro e relataram como tal vivência permitiu que manifestassem o comportamento que costumam ter e percebessem quais atitudes colaboram para o fortalecimento do problema. Assim, coletivamente refletiram sobre habilidades e competências que possuem para a mudança dos comportamentos. Ao final do encontro, Filomena pediu que cantassem a música do grupo: “O que é, O que é?”. Esta foi a última vez que Fábio compareceu, pois ele faleceu duas semanas depois.

No décimo encontro, o grupo soube do falecimento do Fábio. Foi um momento de pesar, porém, também, de o grupo perceber a maneira pela qual eles se incentivavam mutuamente e como isso se refletiu na forma de o Fábio construir histórias de identidade fortalecidas. Todos os membros lembraram momentos de alegria e do impacto positivo do grupo na vida dele. Com os participantes mobilizados em rever o papel de cada um no grupo, surgiu a ideia de gravar um vídeo no qual eles cantassem a música tema do grupo e pudessem dar o seu depoimento sobre o significado do grupo em suas vidas. Depois de um

período de silêncio, Fabíola disse que aceitaria a ideia, pois avaliou que o Fábio gostaria que o grupo seguisse em frente e não paralisasse devido à sua morte. Todos concordaram.

Um profissional do CREAS-Cariacica tocou violão durante a gravação do vídeo que alternou música e depoimentos, alguns dos quais estão a seguir:

Fátima: “Eu me sinto muito mais preparada para lidar com os problemas da vida, aprendi muitas coisas (...) vi as pessoas desabrocharem (...) eu quero agradecer porque esse grupo não foi uma obrigação pra (sic) nós e sim um prazer.”

Fabíola: “Me ensinou mais a cuidar dos meus filhos.”

Alan: “É uma oportunidade de fazer amigos, agora do bem.”

André: “Eu quero agradecer porque, por causa do auxílio deste grupo, eu consertei minha vida.”

E, em uma evidente demonstração de “dizer olá novamente”, Filomena disse: “Isto que estamos fazendo aqui é uma homenagem ao senhor Fábio.”

Antes do encontro seguinte, a viúva de Fábio, Francine, foi convidada para vir ao último encontro do “Grupo Amizade”, como forma de homenagear o marido. Ela aceitou prontamente e veio na data agendada.

No décimo primeiro encontro, todos fizeram uma retrospectiva dos momentos importantes do grupo e cada participante narrou a relevância dos encontros para sua vida. Depois eles redigiram um documento coletivo sob a forma de carta, com vistas a expressar os desafios enfrentados, as formas pelas quais lidaram com a situação e o que eles têm a dizer para outras pessoas que estão vivenciando as mesmas circunstâncias. As narrativas foram surgindo espontaneamente e resultaram na carta a seguir:

É muito importante para nós termos frequentado o grupo para mostrarmos para os nossos filhos o quanto eles são importantes para nós. Participar do grupo aumentou a nossa autoestima, estamos mais felizes, mais alegres, apesar de ajudarmos os nossos filhos também ajudamos a nós mesmos.

Foi ruim o começo dos atos infracionais, mas depois foi uma coisa boa estarmos reunidos, foi um mel, passamos a ser exemplo, nos ajudou a melhorar o nosso comportamento, amadurecer. Para as pessoas que estão pensando em seguir essa carreira fracassada, podem ver nosso exemplo, por termos mudado, elas podem ver que também podem mudar. Você pode pensar nas pessoas que gostam de você para sair desta vida. Olhe para suas companhias, tente fazer amizades com pessoas boas que realmente queiram fazer coisas boas na vida.

A família também precisa saber que estar presente é muito importante para ajudar na mudança dos filhos. O que mais vale na recuperação do adolescente é o apoio da família e a força de vontade dos adolescentes. Lá dentro funciona como uma reflexão para alguns, porque têm alguns que não querem. Têm meninos que os pais já são do crime, que não têm exemplo da família. A família tem que ser muito presente, tem que estar na escola, para que os filhos saibam que estamos perto. Não brigue com o professor para não dar esse exemplo para seu filho. É importante também acompanhar os filhos em atividades de esporte e lazer.

Precisamos elevar os pensamentos a coisas boas, ter força de vontade, acreditar na ajuda dos bons profissionais e ter confiança e amor. Aconselhe seu filho, que é só querer que consegue. Sai fora das drogas, pois é um dinheiro fácil e sem valor. Para você que está desesperado procure um acompanhamento psicológico, pois tira a pessoa do fundo do poço.

Quando os relatos terminaram, a carta foi lida para o grupo que ouviu atentamente às suas palavras. Ao final, os participantes aplaudiram emocionados e começaram a cantar a música “O que é, o que é”.

Sendo este o último encontro do grupo, foi realizada uma cerimônia de encerramento que contou com a presença de uma testemunha externa significativa: a coordenadora do CREAS-Cariacica que entregou para cada participante um certificado elaborado pela equipe e assinado pelo secretário de Assistência Social e vice-prefeito do município.

Para que a nova versão de uma história seja fortalecida é fundamental que haja um público que assista às novas significações. Todos os participantes começaram a frequentar o grupo sentindo-se reféns do problema e sem outra perspectiva de vida a não ser aquela relacionada a um rótulo pejorativo. Porém, nesse encerramento, eles receberam um documento que oficializava a participação deles nos encontros e a capacidade de cada um ser autor de uma história preferida de vida. A entrega dos certificados foi fotografada e era nítida a satisfação dos participantes. Francine se emocionou e disse que iria plastificar o certificado, tido por ela como símbolo da alegria que Fábio sentia ao frequentar o grupo. Aguinaldo, após receber o certificado, colocou-o próximo ao peito e verbalizou que aquele era seu crachá: que a partir daquele momento ele era um jovem a ser respeitado e um exemplo a ser seguido.

Ao final do encontro, foi realizado um “amigo X” entre os membros do grupo e, como sempre, o tão gostoso lanche compartilhado. Filomena trouxe um bolo para comemorar o seu aniversário e declarou que, antes de comparecer aos encontros, nunca havia tido o desejo de festejá-lo.

COLHEITA

Esta experiência foi produtiva em vários aspectos para todas as pessoas que estiveram envolvidas no processo. Isso foi possível porque os encontros se constituíram em espaços seguros onde as pessoas puderam construir versões preferidas de suas identidades e de suas histórias. Entre os vários aspectos produtivos desses encontros, destacam-se a vivência dos grupos como:

1 – espaço de apoio: as pessoas criaram um espaço no qual se sentiram seguras e integradas para narrarem suas histórias de vida e experiências sem julgamentos, preconceitos ou coerção. Neste espaço, elas puderam refletir de maneira significativa e compartilhar sentimentos semelhantes entre si o que gerou uma rede social de apoio, aprendizagem e respeito mútuo.

2 – espaço de externalização dos problemas: A partir da conversa de externalização, os participantes puderam perceber-se separados do problema e, ao romper com os limites impostos pelo problema, começaram a sentir-se fortalecidos. Eles começaram a investir em histórias alternativas que demonstravam suas competências, ao mesmo tempo em que o incentivo mútuo valorizou o potencial individual e grupal.

Cabe aqui destacar as histórias de Fábio e Fabíola. Durante os dois primeiros encontros, Fábio mantinha uma postura de vítima, com uma visão pessimista da vida e ausência de projetos futuros. Além disto, demonstrava desânimo em investir afetivamente no filho, deixando claro o seu sofrimento em relação a ele, visto que apresentava comportamento agressivo e forte envolvimento com a criminalidade. Na época, seu filho estava, inclusive, internado em uma clínica para tratamento

de dependência química. No último encontro em que esteve presente, Fábio relatou com satisfação que tinha ido com um amigo à praia e que fez uma visita ao seu filho na clínica. Uma mudança significativa de postura frente à vida.

Fabiola também chegou ao grupo sentindo-se fragilizada e incapaz de lidar com as situações da vida. Era nítida a falta de cuidado pessoal e ela mencionava sua dificuldade em despender tempo para cuidar de si. Durante o segundo encontro, Fabiola contou que o grupo era o único lugar diferente que ela frequentava visto que só se deslocava de casa para o trabalho, investindo o seu tempo em cuidar dos filhos e das tarefas domésticas. No terceiro encontro, mencionou que contava para todos da família e do trabalho como os encontros estavam sendo bons para ela. Tanto foi assim que, no quarto encontro, sua filha Filomena passou a participar dos encontros também.

Ambas as histórias demonstram como que, no decorrer dos encontros, eles resgataram suas vidas das mãos do problema, começaram a reconhecer e potencializar as suas competências e, com isso, passaram a fortalecer suas histórias alternativas.

3 – espaço de ampliação das narrativas pessoais: em todos os encontros os participantes puderam fortalecer a versão preferida de suas histórias de vida. Em especial, durante a metodologia da “Árvore da Vida”, quando os participantes reconheceram seus valores, ampliaram a percepção de suas habilidades e competências, e puderam planejar projetos de vida tais como abrir um restaurante, ter sua própria família ou ter seu próprio estúdio. Durante a execução da atividade, Fábio espontaneamente verbalizou que até aquele momento em sua vida ele

só havia encontrado espinhos, porém sentia que aquele grupo era como um jardim de flores, e escreveu no papel: “Este grupo que encontrei aqui é um jardim de flores. Nunca vou esquecer.” O título desse artigo é uma homenagem ao Fábio.

4 – espaço de musicalidade: A música é um fator integrador e uma linguagem facilmente compreendida pelas pessoas em diferentes contextos e meios sociais. A música escolhida pelo grupo – “O que é, o que é” – teve o efeito catalizador de uma narração coletiva. Por meio da música, o grupo pôde expor o que considera relevante na vida e se fortalecer na proposta de enfrentamento dos traumas e injustiças. A música orientou cada um no grupo no sentido de externalizar o problema, percebendo-o como um impedimento que limita, e identificar os recursos internos que possibilitam minimizar os efeitos do problema e tornar-se autor de sua própria história. A conexão das pessoas com a cultura popular, manifesta pela música, fortaleceu cada um no grupo e deu sentido à sua caminhada.

5 – espaço de importância das testemunhas externas no processo de reautoria: o papel das testemunhas externas foi muito significativo nesse grupo. Inicialmente, cada participante era uma testemunha externa do processo de reautoria dos demais. A escuta atenta, o interesse pela história que era contada, as ressonâncias compartilhadas, tudo isso contribuiu para a transformação de todos os membros. Isso, por exemplo, pode ser constatado com o fortalecimento das histórias preferidas de identidade de Fabiola: ela pode refletir sobre suas posturas e, gradativamente, modificá-las. Tornou-se agente de transformação já que os ganhos conquistados não ficaram retidos em seu interior, mas ela passou

a compartilhar seus aprendizados no trabalho e em casa, culminando na vinda de sua filha para o grupo.

A entrada da Filomena no grupo demonstrou como as pessoas que estavam fora do processo percebiam os benefícios dos encontros e evidenciou para os participantes o valor das histórias alternativas que eles estavam construindo. Além disso, a partir do momento em que Filomena passou a participar dos encontros, ela começou a sentir os reflexos desse fortalecimento grupal em sua vida: ela passou a cuidar do seu corpo, fez uma reeducação alimentar e conseguiu perder 10 kg durante os encontros.

Finalmente, a presença da coordenadora do CREAS-Cariacica na cerimônia de encerramento para a entrega dos certificados assinados pelo secretário de Assistência Social e vice-prefeito do município mostrou que pessoas que não fazem parte do círculo social próximo dos participantes também reconhecem como importante o processo de fortalecimento de suas identidades. Por estas testemunhas externas serem autoridades, sua presença conferiu um aspecto oficial ao processo: os participantes se sentiram reconhecidos como pessoas e como cidadãos capazes de serem autores de suas próprias histórias de vida.

6 – espaço de fortalecimento de vínculos familiares: a participação dos adolescentes no grupo trouxe outra dinâmica para os encontros, possibilitando a reflexão sobre os padrões familiares, o reconhecimento de papéis dentro da estrutura familiar e a mobilização dos recursos de cada membro da família para o enfrentamento dos problemas. Além disso, a presença dos adolescentes em um espaço junto com membros significativos da família permitiu que aspectos de suas identidades pudessem ser fortalecidos, tais como

autonomia e a percepção de si como pessoa de valor e, com isso, que eles se tornassem autores de uma versão preferida de suas vidas. Aginaldo verbalizou isso quando recebeu o seu crachá e disse que a partir daquele momento ele seria um exemplo a ser seguido. O mesmo pode ser visto com André, que conseguiu um emprego com comprovação em carteira, e com Alan, que aceitou corrigir uma falha em sua arcada dentária, o que contribuiu para o fortalecimento da sua história preferida e lhe devolveu o desejo de sorrir para a vida.

7 – espaço de superação: todos os membros do grupo tiveram a oportunidade de descobrir formas de acessar habilidades e competências e, com isso, criar estratégias mais adequadas de enfrentamento dos problemas. Além disso, o grupo também viveu a experiência de superar o falecimento de um membro querido. No intuito de ajudar o grupo nesse processo, foi preciso ajudá-los a “dizer olá novamente”. A metáfora proposta pelo próprio Fábio auxiliou nesse momento: ele dizia que quando chegou ao grupo ele era como uma flor murcha e que, a cada novo encontro, o relacionamento com o grupo foi permitindo que ele voltasse a ser uma flor cheia de vida. Os participantes do grupo reconheceram e puderam falar sobre a importância de cada um deles na vida do Fábio e sobre a superação dele ao longo dos encontros. Foi um momento no qual o grupo pôde refletir e avaliar sobre a relevância do individual e do coletivo na vida de cada pessoa – e de como essa relação pode ser construtiva. Apesar da nítida tristeza do grupo, os participantes não se deixaram limitar pela situação inesperada e fizeram a gravação do vídeo como forma de homenagear o Fábio.

8 – espaço de “regradação”: os participantes chegaram ao grupo trazendo o rótulo de “famílias em conflito com a lei”. No decorrer dos encontros, os participantes se fortaleceram, individual e coletivamente, o que lhes possibilitou identificar que eram maiores do que este rótulo, visto que possuem habilidades e competências para transformar o trauma em aprendizado e em contribuição para pessoas que passam pelas mesmas dificuldades. Neste contexto, a cerimônia de encerramento possibilitou a “regradação” da vida dos participantes: aqueles que outrora chegaram rotulados e enfraquecidos se fortaleceram para o enfrentamento das dificuldades sociais e foram reconhecidos por isso. Aprenderam a acessar suas identidades cheias de competência e estão preparados para contribuir para a vida de outros. Foram “regraduados”: deixaram de ser vítimas da situação e se tornaram agentes de transformação.

COMPARTILHAR OS FRUTOS

Este artigo apresenta e discute uma aplicação da Terapia Narrativa e das Práticas Narrativas Coletivas em grupos de famílias no contexto de execução de medidas socioeducativas em meio aberto do CREAS–Cariacica. Os resultados alcançados demonstram que esta teoria e suas formas de aplicação contribuem no trabalho em grupos neste contexto.

No espaço do grupo foi possível a formação de um ambiente descontraído e seguro para que as pessoas pudessem expor suas histórias, trocar experiências e construir histórias alternativas mais adequadas, tornando-se protagonistas de suas próprias vidas. Os participantes dos grupos puderam sair do papel de vítimas ou de

culpados para o de agentes de transformação, podendo compartilhar o conhecimento construído nos encontros com outras pessoas que passam por situações parecidas.

Os reflexos positivos do grupo superaram as expectativas. Primeiramente, porque se tratava de um projeto inovador no contexto do CREAS–Cariacica. Além disso, a literatura da área pouco menciona a efetivação de grupos de famílias no contexto de execução de medidas socioeducativas em meio aberto. Finalmente, o fato de que os grupos aconteceram depois do horário de trabalho das pessoas o que poderia tanto facilitar quanto dificultar a adesão, caso as pessoas alegassem cansaço ou obrigações domésticas. Porém, apesar de todos estes aspectos, a maioria das pessoas convidadas compareceu e a frequência foi assídua.

É importante destacar que as famílias compareciam ao grupo de forma voluntária e frequentemente afirmavam que vinham ao grupo por prazer. Isso conduz à reflexão de que é possível ir além do caráter coercitivo e obrigatório neste contexto de execução das medidas socioeducativas por meio da formação de um espaço que potencialize o papel da família como corresponsável no processo e parceira no trabalho com o adolescente. Para tanto, é necessário que a prática esteja fundamentada em princípios teóricos e éticos que considerem a relação entre o profissional e os participantes segundo outro paradigma: o que questiona a superioridade do especialista e reconhece e respeita o conhecimento local e as narrativas pessoais. No caso do trabalho aqui apresentado, os desafios estiveram relacionados a cuidados com o risco de imposição do pensamento dominante e do poder do conhecimento, bem como os esforços no sentido de diminuir a distância entre o discurso teórico e a prática.

Em termos gerais, podemos identificar que a realização dos grupos possibilitou a construção de versões preferidas da história de vida dos participantes por meio da promoção de fatores protetivos como o fortalecimento dos vínculos familiares e sociais, o desenvolvimento da autonomia e a construção de projetos de vida. Além disso, permitiu que a família se tornasse mais resiliente, aprendendo formas mais adequadas de lidar com o impacto negativo da história de fracasso, em especial trabalhando para potencializar as competências individuais e coletivas para a produção de novos e melhores sentidos.

Dessa forma, utilizar a Terapia Narrativa e as Práticas Narrativas Coletivas em grupos de famílias no contexto da socioeducação é algo viável, tendo resultados relevantes para todos os participantes no processo. Esperamos que, ao compartilhar essa experiência, outros profissionais que atuam nesse contexto sintam-se convidados a desenvolver novas metodologias de trabalho que impliquem criatividade e ousadia para executar as medidas socioeducativas de acordo com o que estabelece o Estatuto da Criança e do Adolescente. Para isso é importante que prevaleça o conforto de poder inventar para além das receitas pré-definidas e a liberdade de construir, desconstruir e reconstruir formatos culturalmente responsáveis e respeitosos que iluminem os recursos e competências de todos os envolvidos.

REFERÊNCIAS

- Aquino, L. G.** (2012). Criança e adolescente: o ato infracional e as medidas socioeducativas. *Âmbito Jurídico* [online], 15 (99), abr. 2012. Recuperado em 10 jan. 2014 de <http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=11414>
- Araújo, T. A. A.** (2012). A finalidade da medida socioeducativa de internação. *Âmbito Jurídico* [online], 15 (106), nov. 2012. Recuperado em 17 jan. 2014 de <http://www.ambitojuridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=12040&revista_caderno=12>.
- Brasil** (2002). Estatuto da criança e do adolescente: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial.
- Costa, J. S.** (2011). *Terapia de família e seus significados: narrativas sobre as experiências dos clientes*. Tese de Doutorado em Psicologia — Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Denborough, D.** (2008). *Práticas narrativas coletivas: trabalhando com indivíduos, grupos e comunidades que vivenciaram traumas*. (A. Müller, Trad.). Adelaide, Australia: Dulwich Centre Publications.
- Dias, A. C. G., Arpini, D. M., & Simon, B.R.** (2011). Um olhar sobre a família de jovens que cumprem medidas socioeducativas. *Psicologia Social* [online], 23 (3), p. 526-535. Recuperado em 23 março 2013 de <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822011000300010>>.
- Epston, D.** (1998). *“Catching up” with David Epston: a collection of narrative practice-based papers published between 1991 & 1996*. Adelaide, Australia: Dulwich Centre Publications.
- Freire, P.** (2008). *Pedagogia da esperança* (15ª ed.). São Paulo: Paz e Terra.
- Grandesso, M. A.** (2008). “Dizendo olá novamente”: a presença de Michael White entre nós terapeutas familiares. *Revista Brasileira de Terapia Familiar*, 1(1), 65-78.

- Madigan, S.** (2011). *Narrative therapy*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Müller, A.** (2012). Troca de cartas no time da vida: um bate-bola construtivo. *Nova Perspectiva Sistêmica*, Rio de Janeiro, 42, 42-56.
- Müller, A.** (2013). Ritmos da vida: ajudando crianças na superação da separação. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 45.
- Ncube, N.** (2006). The tree of life Project: using narrative ideas in work with vulnerable children in Southern Africa. *International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, (1), 3-16.
- White, M.** (1988). Decir de nuevo: hola! La incorporación de la relación perdida em la resolución de la aflicción. In M. White. *Guias para una terapia familiar sistémica – Michael White*. Barcelona: Gedisa Editorial.
- White, M.** (2007). *Maps of narrative practice*. New York: Norton.